

## Uso de *softwares* na educação como ferramenta da aprendizagem

Josué Petrônio Quirino de OLIVEIRA<sup>1</sup>  
Zandra Marina de Holanda MONTEIRO<sup>2</sup>

### Resumo

O propósito deste artigo é proporcionar uma reflexão do uso de softwares na educação, analisando a realidade da educação brasileira através de pesquisas que mostram a falta de estrutura e qualidade na educação em comparação a outros países. Educação que, desde o início, foi excludente e privilégio de poucos, agora com os avanços dos recursos tecnológicos tem nos softwares uma ferramenta pedagógica capaz de instrumentalizar e atualizar mudanças mais específicas e próximas à realidade dos alunos. Possibilitando ao professor o desenvolvimento de novas competências, habilidades e conteúdos próprios da educação moderna.

**Palavras Chaves:** Educação. Softwares. Processos de aprendizagem. Professor.

### Abstract

The purpose of this article is to provide a reflection of the use of softwares in education, analyzing the reality of Brazilian education through research that show the lack of infrastructure and quality of education compared to other countries. Education from the beginning was exclusive and privileged few, now with the advances of technology resources in software has a pedagogical tool to implement and update more specific and near to the reality of the students change. Allowing teacher to develop new skills and contents own from modern education.

**Key words:** Education. Software. Learning processes. Teacher.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Administração (PROPAD), da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: jptonyoliver@hotmail.com

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Administração (PROPAD), da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: mmikael84@gmail.com

## Introdução

Historicamente, o descaso com a educação no Brasil é apontado pelos fatos e servem para contextualizar o atual cenário no qual o país se encontra. Visto que, desde o início a educação era reservado a uma elite hegemônica totalmente exploradora, configurando o ensino apenas para alguns, onde a classe dominante seria detentora do conhecimento, enquanto isso, para as massas restava à dominação social e cultural, que perdurou por dezenas de anos.

O processo de expansão da escolarização básica apenas teve início em meados do século XX e, com relação à rede pública de ensino, as datas são ainda mais alarmantes: somente no início dos anos 1980. Tais informações são fundamentais para compreensão dos profundos problemas estruturais que acometem o sistema educacional brasileiro, cujas consequências repercutem até hoje, como mostra a pesquisa divulgada pelo site BBC Brasil<sup>3</sup>, em 2012.

Segundo a pesquisa, realizada pelo *Economist Intelligence Unit* (EIU), o Brasil é apontado como penúltimo em uma lista de quarenta países no quesito “qualidade da educação”, levando em conta a comparação entre notas em testes realizados por estudantes entre os anos de 2006 e 2010, e desempenho dos professores. Além desses, critérios como “número de alunos que ingressam em uma universidade” também foram considerados. De acordo com os resultados, os países foram classificados em cinco grupos e, juntamente ao Brasil, outras seis nações foram incluídas no rol dos piores sistemas de educação do mundo: Turquia, Argentina, Colômbia, Tailândia, México e Indonésia. Entre os países que figuram nos primeiros lugares do ranking, é possível observar que desenvolvem uma cultura de valorização da educação e, principalmente, do professor. Discorrendo sobre essa importância Demo (2001) coloca a educação como uma estratégia central sobre tudo, principalmente no combate a pobreza política.

Mesmo não retratando a realidade atual do cenário da educação dos países analisados, uma vez que o estudo comparativo se utiliza de dados obtidos em anos anteriores, é possível estimar que as mudanças, se houveram, não foram suficientes para

---

<sup>33</sup> Disponível em:

<[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/11/121127\\_educacao\\_ranking\\_eiu\\_jp.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/11/121127_educacao_ranking_eiu_jp.shtml)>.

Acesso em: 30 de maio de 2013.

sanar o problema completamente, pois uma solução definitiva demandaria profundas alterações estruturais e altíssimos orçamentos. Então, consideraremos neste estudo o esboço da educação no Brasil traçado por meio da leitura de dados de pesquisas cujos resultados foram divulgados entre os anos de 2010 e 2013.

Assim, a qualidade da educação nacional é, segundo a consultoria britânica EIU, considerada péssima. Tal informação vem apenas coadunar com as notícias exibidas constantemente nos jornais e debates travados nas salas de aula das universidades: é preciso uma reforma expressiva no sistema educacional brasileiro. E segundo Marilena Chauí (2003, p. 13):

Se desejarmos reverter esse quadro, será preciso, antes de tudo, que o Estado não tome a Educação pelo prisma do gasto público e sim como investimento social e político, o que só será possível se ela for considerada um direito e não um privilégio ou um serviço.

Em contraste, a produção de softwares, classificada no setor de Novas Mídias, segundo a UNCTAD (2010), figura, segundo o relatório, como um dos setores recentes da indústria cultural que mais se expande mundialmente. Tal crescimento é explicado pela necessidade do desenvolvimento de soluções que atendam a problemas encontrados em diversas áreas da sociedade.

E como a educação muitas vezes é colocada numa visão reducionista de preparação para o mercado, o desafio é tornar o ensino criativo, dinâmico, e que prepare o aluno para ser autônomo em uma série de competências, habilidades e campos do saber, assim como nos ambientes de aprendizagem.

Assim, levantamos o seguinte questionamento: como os *softwares* de educação podem atuar como ferramenta efetiva no processo de melhoria da aprendizagem?

## **1 O ABC da educação nacional: breve histórico**

Para compreender o começo da educação no Brasil, é preciso refletir sobre a construção da sociedade brasileira, seus componentes, sua formação e o papel da educação nessa construção. Segundo Xavier (1994, p. 31):

A sociedade brasileira nasceu duplamente explorada, pelos proprietários locais e pelos empresários internacionais, financiadores e distribuidores das mercadorias brasileiras. Conviveu com a mais desprezível forma de

exploração do homem, a escravidão, que sobreviveria por praticamente quatro séculos. Isso significa que nossa sociedade se configurou, já em sua origem, saltando a fase do capitalismo liberal ou concorrencial, como concentradora de propriedade, riqueza, poder e prestígio social. No espaço econômico que ela criou, havia lugar para dois agentes, o que produzia e o que tinha a propriedade dos meios de produção e dos bens produzidos. Os demais, ou seja, todos os indivíduos que não se enquadrassem aqui ou lá, ou exerciam o serviço público, ou então se constituíam nos marginalizados do sistema, como os degredados e os aventureiros mal sucedidos.

Foi com os jesuítas a partir de 1549, quando iniciaram o trabalho de “instruir” e catequizar, que teve início a educação no Brasil, pois não havia escolas. E através de um olhar cuidadoso pode ser observado, desde o início, o caráter excludente e restritivo da educação oferecida no país. O privilégio era dado a uma elite hegemônica, representada seja pela igreja, nobreza ou burguesia. Onde as essas elites era dado o privilégio e o preparo intelectual, e aos negros, índios e mestiços restava o trabalho braçal, próprio dessa classe social, perpetuando e continuando assim a hegemonia dominante. Conforme observa Ribeiro (1998, p.37):

A estrutura social do Brasil-Colônia já foi caracterizada como sendo organizada à base de relações predominantemente de submissão. Submissão externa em relação à metrópole, submissão interna da maioria negra ou mestiça (escrava ou semi-escrava) pela minoria ‘branca’ (colonizadores). Submissão interna refletindo-se não só nas relações de trabalho como também nas relações familiares [...].

A formação pedagógica dos nativos brasileiros não era o intuito dos jesuítas. A preparação do ensino jesuítico estava no Ratio Studiorum, que era formada por quatro etapas: formação moral, formação intelectual, formação filosófica e a complementação filosófica, com duração de dois anos em cada etapa. Contudo essa sólida formação teórica não tinha intenção de acabar com a ignorância e suas amarras, mas apenas cumprir o que determinava o Ratio. Por isso, Romanelli (2001, p. 34) critica que “o ensino que os padres jesuítas ministravam era completamente alheio à realidade da vida da Colônia. [...] não podia, por isso mesmo, contribuir para modificações estruturais na vida social e econômica do Brasil, na época”. Sob estas limitações, políticas de exclusão e estigmas de submissão que refletem até hoje na sociedade brasileira, talvez seja um dos legados jesuíta à modernidade.

A organização docente no Brasil veio somente a partir de 1827, com a Lei Geral do Ensino, que continha o dever do estado com relação à educação. Única lei do ensino elementar até 1946. E conforme Xavier (1994, p. 35) expõe que;

A instrução popular parecia desnecessária e, por isso, não se atribuía função relevante à escola pública elementar. Dai a sua extensão ‘a todos os cidadãos do Império’ não ter saído do texto da lei senão para o discurso demagógico. O mesmo não aconteceu com os demais níveis de ensino. O Ensino Superior, em especial os cursos jurídicos, representava um interesse real do novo governo e uma necessidade urgente para confirmação do rompimento com a Metrópole. Não se podia admitir que o Estado nacional não estivesse em condições de formar pessoal para compor os seus quadros políticos, técnicos e administrativos.

É numa concha de retalhos, no quebra cabeças montado aos poucos, aos trancos e barrancos que a educação brasileira foi montada, remendada e costurada. As primeiras escolas eram essencialmente excludentes para homens e brancos, os primeiros professores recebiam em sua formação uma marcante influencia externa. Iniciaram com as aulas régias, os primeiros subsídios para educação viam da carne, do vinho e da aguardente, eram destinados a manutenção das aulas, mas os professores ficavam até um ano sem a percepção dos seus ordenados, a desvalorização do corpo docente e o descaso com a educação tem um longa historia no Brasil, e essas marcas permaneceram por anos, sem uma adequada solução e cuidado.

Contudo possa ser observado que no decorrer das ultimas décadas aconteceram muitos avanços e investimento na educação, e na formação dos professores, mas ainda insuficientes diante de tantos anos de descaso e embora seja fato que “nos últimos anos, a formação docente tenha ocupado boa parte das discussões sobre educação e que esses debates têm abandonado, progressivamente, a esperança de que a escola venha produzir uma revolução na sociedade Brasileira” Schön (1995). É fundamental seguir o exemplo de países desenvolvidos que tiveram na educação e na valorização do professor um caminho para o desenvolvimento econômico, social e acima de tudo humano.

## 1.1 Novas formas de aprendizagem: concorrentes ou aliados?

A partir da década de 90, os rápidos avanços em Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) começam a moldar uma nova estrutura social, na qual os mundos

real e virtual coexistem e a formação de redes colaborativas (JULIEN, 2010) aponta para uma cadeia infinita de conhecimento e inovação.

Os avanços tecnológicos possibilitaram que indivíduos que compartilhassem de um mesmo interesse, ainda que pertencendo a diferentes partes do mundo, pudessem se reunir em grupos virtuais para compartilhamento de informações, gerando aprimoramento de capacidades (LÉVY, 2007).

Esse amálgama de conhecimentos, disponibilizados no ambiente virtual, expande o entendimento e as possibilidades de aplicabilidade dos dados para o receptor que, por sua vez, atuará de maneira singular no conteúdo, gerando um novo material, cujo compartilhamento manterá a rede de conhecimentos criada, perpetuando um ciclo de recepção/produção de informações (CASTELLS, 2010).O resultado dessa junção culmina numa conectividade nunca vista e que afeta diversas esferas de nossas vidas (GIDDENS, 2003).

O papel da informática e das técnicas de comunicação com base digital não seria 'substituir o homem', nem aproximar-se de uma hipotética 'inteligência artificial', mas promover a construção de coletivos inteligentes, nos quais as potencialidades sociais e cognitivas de cada um poderão desenvolver-se e ampliar-se de maneira recíproca (LÉVY, 2007, p. 25).

Assim, o autor argumenta que esse ciberespaço forjado tem o poder de criar um laço social em torno do aprendizado recíproco por meio da sinergia de competências, da imaginação e da inteligência coletivas. (LÉVY, 1999). Deste modo, mudanças na maneira como as informações são buscadas e como estas são trabalhadas pelos receptores, com ligações únicas, produção de novos saberes e *hiperlinks* praticamente infinitos conectando os textos, geram impactos sociais significativos no sistema de educação tradicional. Tudo na velocidade de um "ENTER".

Sob essa lógica, as TIC's trazem uma "nova construção do conhecimento e aquisição de novo saber-fazer a partir das relações do sujeito com a estrutura lúdica e/ou por meio das relações interpessoais estabelecidas durante o desenvolvimento da atividade lúdica." (MUÑOZ, 2010, p.12).

Nesse cenário, a educação formal tradicional encontra desafios para atender à nova demanda por conhecimentos articulados e constantemente atualizados.Conforme Bourdieu (2009), essa condição de não rivalidade e não exclusividade, típica dos bens

simbólicos, permite que a informação, cultura e conhecimento não precisem de propriedade exclusiva para satisfazer o desejo de saber e criar. Ou seja, não existe a figura de um detentor do saber, pois todos se encontram igualmente capacitados tecnologicamente para atuarem como produtores de conhecimento.

## **2 Software (d)e educação**

A imaterialidade é a principal característica dos *softwares*, além de demandarem constante recebimento de ordens, seja por forma de comandos ou inserção de dados, por parte dos usuários. A interação entre o programa computacional e o ser humano é basilar para o funcionamento da tecnologia, além de possibilitar ao indivíduo a expansão de suas capacidades (NEGUS, 1997). Ao mesmo tempo em que recebe informações, o usuário é incitado a contribuir, atuar sobre o *software*.

As experiências anteriores são necessárias no processo de utilização dos *softwares*; o importante repertório de vivências e conhecimentos de cada receptor será o responsável por atribuir significado aos eventos, variando de acordo com a interpretação dos elementos simbólicos, na mente do usuário. De forma que o estudante, em contato com tais recursos tecnológicos, tem a possibilidade de significar o conhecimento que está sendo transmitido por meio da interação.

Assim, a compreensão é uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos que se realiza, evidentemente, com base nos elementos apresentados no texto e na sua forma de organização, mas que requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes e sua reconstrução no interior do evento comunicativo (KOCH, 2002).

Nesse cenário, segundo Freire, o processo de aprendizagem se dá também de forma interativa e demandando do estudante a utilização de sua bagagem de vivências e entendimento pessoal para compreensão do conteúdo trabalhado em sala de aula. A realidade do estudante é trazida para um cenário na qual possa contribuir para seu desenvolvimento e passa a ser também alvo de modificações.

O aluno passa a influenciar em seu próprio universo, por meio dos conteúdos assimilados. Através da contextualização e experiências vividas dentro desse

desenvolvimento revelará que, “a aprendizagem adequada é aquela efetivada dentro do processo de pesquisa do professor, no qual ambos - professor e aluno - aprendem, sabem pensar e aprendem a aprender.” Demo (2001).

Ainda, Palmer (1990) defende que um bom professor não pode se limitar à técnica pura e simplesmente, pois uma aula que funcionar perfeitamente para uma turma pode não ter o mesmo resultado com outra. Então, ensinar vai além da exposição do assunto seguida da clássica frase: “alguma dúvida?”.

Assim, segundo o autor, o bom professor é aquele que descobre e desenvolve métodos de ensino que emergem de sua própria integridade sem, no entanto, limitar sua aula ao método. De maneira que a tradicional passividade na aprendizagem é criticada pelo autor e deve ser combatida, mas modificar essa tradição é algo complexo, pois envolve remover antigos e confortáveis papéis, já institucionalizados.

Por isso, o uso de *softwares* é encarado por muitos professores com certa dose de reticência, que pode vir a impedir o aproveitamento total dessa ferramenta tecnológica no processo educacional.

O modelo tradicional, já legitimado, ainda é amplamente adotado, pois muitos profissionais de educação não se encontram confortáveis para utilizar novas metodologias, seja por questões pessoais ou limitações técnicas. Ainda que os próprios *softwares* se apresentem com a proposta de complementar o ensino que é realizado na sala de aula.

## 2.1 Limitações: realidade nacional

Faria (2012) aponta que muitas escolas públicas brasileiras apresentam uma péssima infraestrutura, principalmente nas zonas rurais (principalmente, nas regiões Norte e Nordeste). Nesses locais, não é raro se encontrar instituições de ensino sem rede de esgoto, energia elétrica e abastecimento de água, como aponta o Censo Escolar de 2010. Mesmo em áreas urbanas, problemas como ausência de bibliotecas e internet podem ser verificados em muitas escolas.

Infelizmente, dificuldades estruturais, como salas de aula depredadas e prédios mal cuidados agravam ainda mais a situação das escolas públicas no Brasil. O autor

ainda cita que, na Prova Brasil, cerca de um quarto dos professores do Amapá afirmaram que as condições das salas são ruins. Situações como estas desestimulam a criatividade, o conhecimento e a reflexão dos alunos diante das novas tecnologias e seus potenciais.

Embora nos últimos anos o governo brasileiro tenha investido milhões em programas e equipamentos para prover tecnologia às escolas, em muitas instituições desassistidas, tal realidade não é vivida e a utilização de aparatos tecnológicos como uma ferramenta para complementar o ensino realizado em sala de aula adquire um aspecto distante. Ora, se em várias instituições públicas faltam elementos básicos, como energia elétrica e saneamento básico, o uso de computadores e *softwares* educacionais se torna em algumas escolas fundamentalmente inviável.

O mérito da questão passa a não ser a eficácia ou não desse novo recurso como um apoio didático, mas a impossibilidade de uso, devido às limitações físicas encontradas na realidade de algumas escolas públicas nacionais. De tal forma que, diante dos problemas e dificuldades os professores não conseguem encarar o recurso tecnológico como uma realidade palpável, conseqüentemente não buscarão se capacitar para tanto e incluir essas novas atividades em seus planos de ensino.

É nesses casos que práticas pedagógicas inovadoras podem reverter e transformar a dura realidade de muitas escolas brasileiras. O uso de tecnologias e suas iniciativas podem trazer à escola as mudanças necessárias à difusão do conhecimento e práticas inseridas no contexto moderno da atualidade.

O professor necessita compreender que é um ator fundamental no processo de aprendizagem e que embora possa se sentir um principiante em relação ao uso de softwares na educação, ele precisa ter a consciência do seu papel nos processos de mudanças educacionais que acontece na sociedade. Pois como principal construtor dessa sociedade e de uma nova escola o professor é um “mediador do conhecimento, sensível e crítico, aprendiz permanente e organizador do trabalho na escola, um orientador, um cooperador, curioso e, sobretudo, um construtor de sentido...” afinal “ensinar não é transferir conhecimentos. É criar as possibilidades para a sua produção, para sua construção.” (GADOTTI, 2000) E uso dos softwares possibilitam e potencializam esse novo professor.

## Considerações finais

Para captar a essência das mudanças socioculturais trazidas pelas novas plataformas digitais, é necessário que ocorra a capacitação dos educadores para utilização de novas tecnologias digitais em sala de aula, a sua formação deve lhe prover condições para que ele construa o conhecimento e integre soluções pedagógicas através dessas tecnologias. Pois, como os alunos podem buscar informações atualizadas e inseridas em contextos amplos, o papel da educação tradicional nas instituições de ensino estaria ameaçado. Um ponto essencial para uma reflexão sobre a importância de uma formação contextualizada com novas realidades e nuances desse mundo pós-moderno.

Porém, é evidente que a situação da infraestrutura de muitas escolas públicas brasileiras, principalmente nas zonas rurais do Norte e Nordeste, demanda alto investimento público para se tornarem minimamente aptas a comportar estudantes, com saneamento básico, abastecimento de água e energia elétrica. Infelizmente nesse contexto social, onde as salas de aula encontram-se deterioradas fisicamente, é ilusório a proposição de *softwares* educacionais como ferramenta no processo de aprendizagem.

Retomamos, assim, a pergunta com a qual iniciamos este estudo: como os *softwares* de educação podem atuar como ferramenta efetiva no processo de melhoria da aprendizagem? Em uma realidade onde as escolas possuam todos os itens básicos para seu funcionamento, o *software* se apresenta como um campo no qual o estudante pode articular as esferas real e virtual para compor seu universo de saber. A interação do usuário com o conteúdo possibilita diversas vias de articulação de suas vivências prévias e bagagem individual com os temas apresentados.

Efetivamente, o aluno se torna agente na construção do seu saber, demandando do recurso tecnológico ações, além de contribuir para o andamento do mesmo por meio da inserção de informações. Quando conectados em rede, as possibilidades de desenvolvimento de novos conteúdos tornam-se exponencialmente infinitas, pois cada um dos integrantes passa a atuar como um receptor/produtor das mensagens. Um dado é recebido, processado com base em elementos únicos do repertório de cada indivíduo e retransmitido, na velocidade de um “click”.

Espaços compartilhados, como fóruns virtuais dos *softwares*, aparecem como as antigas ágoras gregas: os temas são debatidos pelos próprios usuários e o conhecimento vai sendo tecido de maneira única, personalizada. O indivíduo se constrói, muda sua realidade, ao mesmo tempo em que auxilia no processo de aperfeiçoamento do outro.

Portanto, o professor não mais é encarado como o único detentor do conhecimento, a exclusiva maneira de se alcançar o saber. Ou seja, “o professor não é mais o que sabe e o aluno o que aprende. Ambos em sessões de trabalho (“círculos de cultura”) aprendem e ensinam com o que juntos descobrem” Gadotti (2000) . Pois segundo Demo (2001) também “é preciso redefinir o professor pela via de aprendizagem, não da aula. Professor é quem primeiro sabe aprender com virtudes comprovadas e reconhecidas. Segundo, quem sabe fazer o estudante aprender”. Com isso concluímos que o uso dos softwares na educação está diretamente ligado aos processos de ensino aprendizagem e comunicação que integram e compõem a educação moderna. As novas tecnologias trouxeram novas perspectivas à educação, e o professor hoje dispõe de novas possibilidades de transmitir conteúdos e abordagens integradas a realidade dos alunos. A educação num *click* veio para sistematizar e dinamizar os planos de aulas, relacionar conteúdos, bem como, compatibilizar os objetivos pedagógicos as necessidades dos alunos e da escola.

## Referências

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

CHAUÍ, Marilena. **Sociedade, Universidade e Estado: autonomia, dependência e compromisso social**. In: Seminário Universidade: Por que e como reformar. MEC Brasília, ago. 2003. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>

DEMO, Pedro (2007). **Conhecimento e aprendizagem**. Atualidade de Paulo Freire. Acessado em 08 de julho de 2013, disponível em: <[biblioteca.clacso.edu.ar/libros/torres/demo.pdf](http://biblioteca.clacso.edu.ar/libros/torres/demo.pdf)>.

FARIA, Ernesto Martins. **Infraestrutura - a situação das escolas brasileiras**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/infraestrutura-situacao-escolas-brasileiras-681883.shtml>>. Acesso em 01 de julho de 20013.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. *Estud. av.*, São Paulo, v. 15, n. 42, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>.

GADOTTI, Moacir. **Saber aprender: Um olhar sobre Paulo Freire e as perspectivas atuais da educação.** In: UM OLHAR SOBRE PAULO FREIRE - CONGRESSO INTERNACIONAL, 2000, Évora.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

JULIEN, Pierre-André. **Empreendedorismo regional: e economia do conhecimento.** São Paulo: Saraiva, 2010. 399 p.

KOCH, Ingedore V. G. **Desvendando os segredos do texto.** São Paulo: Cortez, 2002.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.** São Paulo: Loyola, 2007.

MUÑOZ, S. **La abundancia que creasescuez: ¿por qué pervive el capitalismo?.** Barcelona: Erasmus Ediciones, 2010.

NEGUS, K. The Production of Culture. In: DU GAY, P. (ed.) **Production of Culture/Cultures of Production.** Milton Keynes/London: Open University/Sage, 1997.

PALMER, Parker J. **Good teaching: A Matter of Living the Mystery.** Change Magazine, Vol. 22, n. 1, 1990. p. 10-16

RIBEIRO, M. L. S. **História da educação brasileira: a organização escolar.** 15a.ed. rev. e ampl. Campinas: Autores Associados, 1998

ROMANELLI, O. **História da educação no Brasil.** 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2001

SCHÖN, Donald. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 2000

UNCTAD. **Creative Economy: a feasible development option.** *Creative Economy Report 2010.* Geneva/New York: UNCTAD/UNDP, 2010.

XAVIER, M. E. S. P.; RIBEIRO, M. L. S., NORONHA, O. M. **História da educação: a escola no Brasil.** São Paulo: FTD, 1994